



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE LETRAS ESTRANGEIRAS MODERNAS**

**ANA PAULA COSTA GONÇALVES**

**UMA LEITURA DO CONTO “O ROUXINOL E A ROSA” ATRAVÉS DE SEUS  
SÍMBOLOS**

**JOÃO PESSOA – PB  
2017**

ANA PAULA COSTA GONÇALVES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Coordenação do Curso de Licenciatura em Letras,  
da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, como  
requisito parcial para a obtenção do título de  
Licenciada em Letras - Inglês.

Orientador: Prof. Dr. Jeová Rocha de Mendonça

**JOÃO PESSOA - PB**  
**2017**

Catálogo da Publicação na Fonte.

Universidade Federal da Paraíba.

Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA).

Gonçalves, Ana Paula Costa .

Uma leitura do conto " o rouxinol e a rosa" através de seus símbolos /  
Ana Paula Costa Gonçalves. - João Pessoa, 2017.

33 f.

Monografia (Graduação em Letras, língua inglesa) – Universidade  
Federal da Paraíba - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes.

Orientador: Prof. Dr. Jeová Rocha de Mendonça.

**ANA PAULA COSTA GONÇALVES**

**UMA LEITURA DO CONTO “O ROUXINOL E A ROSA” ATRAVÉS DE SEUS  
SÍMBOLOS**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à  
Coordenação do Curso de Licenciatura em Letras,  
da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, como  
requisito parcial para a obtenção do título de  
Licenciada em Letras - Inglês.

APROVADO EM \_\_\_\_/ novembro de 2017

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Jeová Rocha Mendonça  
ORIENTADOR - UFPB

---

Profa. Dra. Glória Maria Oliveira Gama  
MEMBRO - UFPB

---

Profa. Dra. Maria Mercedes Ribeiro Pessoa Cavalcanti  
MEMBRO – UFPB

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço em primeiro lugar a Deus, pois apesar de todas as dificuldades impostas pelo caminho, com ele tudo foi possível.

À minha mãe Solange pelo apoio e cuidado tanto comigo, quanto com meu filho Arthur, ajudando-me sempre que necessário.

Ao meu marido Willian, que costumava ser apenas meu colega durante a graduação e hoje é uma parte fundamental da minha vida, obrigada pelo apoio e carinho.

À minha irmã Samara, por sempre cuidar de mim desde que comecei a graduação, por me abrigar como se fosse uma filha, pelo apoio e puxões de orelha.

A todos os amigos que fiz durante essa jornada, amigos esses que estiveram presentes em momentos de alegria e momentos não tão felizes, são eles Renata dos Santos Silva, Shayane Ribeiro e Silva XXX

Aos meus queridos professores, em especial a dois, pois foram capazes de me cativar e me fazer sentir carinho pelo curso: Jeová Mendonça, que é meu orientador e incentivador, ser sua orientanda teve um valor inestimável em minha vida, sempre muito prestativo e cuidadoso. E Gloria Gama, com quem tive o prazer de cursar duas disciplinas de literatura, você foi um motivo a mais pelo meu sentimento de amor pela literatura, que sempre me motivou a ser uma melhor pessoa e por aceitar participar da minha banca.

Pelo mesmo motivo, agradeço também à professora Maria Mercedes Cavalcanti, por reservar um tempo, pela paciência e compromisso.

## **RESUMO**

O presente trabalho tem como objetivo analisar símbolos no conto “O rouxinol e a rosa”, chamando atenção para como tal conto pode ser utilizado em sala de aula, principalmente entre os estudantes do Ensino Fundamental. O estudo tem como base metodológica a pesquisa bibliográfica, analisando obras que exploram o referido conto não apenas em algumas de suas várias possibilidades temáticas, mas, especificamente, nos símbolos ali presentes e a idealização de sacrifício veiculada através deles. Este texto monográfico partiu de uma inquietação da pesquisadora em compreender como os contos infanto-juvenis do escritor irlandês Oscar Wilde, publicados há quase 150 anos, ainda são tão atuais em suas implicações para sociedade contemporânea.

**Palavras-chave:** Oscar Wilde, Conto, Símbolos, Literatura Infanto-juvenil

## **ABSTRACT**

The present work aims to analyze symbols in the tale “The Nightingale and the rose”, drawing attention to how such a tale could be used in the classroom, especially among elementary school students. The study is based methodologically on a bibliographical research, analyzing works that explore the story not only in some of its various thematic possibilities but specifically in the symbols present there and the idealization of sacrifice conveyed through them. This monographic text stems from the researcher's uneasiness to understand how the children's tales of the Irish writer Oscar Wilde, published almost 150 years ago, are still so current in their implications for contemporary society.

**Key words:** Oscar Wilde, Tale, Symbols, Children's literature

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	6
<b>CAPÍTULO I: OSCAR WILDE E SUA LITERATURA</b> .....	8
<b>Parte 1: Contexto histórico:</b> .....	8
<b>Parte 2: Pontos biográficos:</b> .....	9
<b>Parte 3: Leitura inicial de “O Rouxinol e a Rosa</b> .....	11
<b>CAPÍTULO II: Símbolos na literatura</b> .....	13
<b>CAPÍTULO III: Uma leitura do conto “O rouxinol e a rosa” através de seus símbolos.</b> .....	20
<b>Parte 1: Algumas apreciações de “O Rouxinol e a rosa”.</b> .....	20
<b>Parte 2: Símbolos em “O Rouxinol e a rosa”</b> .....	24
<b>Algumas palavras para concluir</b> .....	29
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	31

## INTRODUÇÃO

O homem geralmente demonstra inquietação quanto ao desenrolar dos fatos da sociedade da qual faz parte. Assim, muitas vezes, sente-se na obrigação de tomar atitudes ao perceber que determinada situação está em desacordo com o interesse da maioria ou que esta, de algum modo, está sendo lesada pela falta de princípios de alguns grupos ou mesmo pela falta de respeito e humanidade.

Dessa forma, a atitude mencionada acima é tomada de acordo com as habilidades que o homem detém. Não é de se estranhar, portanto, que algum autor utilize sua habilidade de escrita como via para expressar sua insatisfação com determinados fatos sociais. Esse é o caso, por exemplo, de Oscar Wilde, autor irlandês que viveu em período de transformações na sociedade inglesa.

Para a consolidação do presente estudo, tomaremos por base um dos contos de Wilde, “O rouxinol e a rosa” (“The nightingale and the rose”, em inglês), obra publicada em uma compilação de contos infantis do autor. Será analisada a presença de símbolos em tal conto e a mensagem que ele transmite para os leitores. A escolha deste tema justifica-se pelo interesse pessoal da pesquisadora em trabalhar literatura infantil de modo a aplicá-la em sua vida profissional nas atividades de docência para o público infantil.

Analisando tais aspectos, o estudo objetiva identificar alguns símbolos presentes no conto e que mensagem é transmitida à sociedade de modo geral.

A estrutura deste trabalho será organizada em 3 (três) capítulos, distribuídos da seguinte maneira: no primeiro, discorreremos sobre o contexto histórico da sociedade inglesa, biografia de Wilde e um apanhado geral sobre o conto em questão; no segundo será abordada a presença de símbolos na literatura; por fim, o terceiro

capítulo apresentará uma análise do referido conto e sua implicação nas sociedades da época e atual.

Quanto ao procedimento técnico que usaremos neste texto monográfico, a pesquisa bibliográfica fará boa parte dele, seguindo um encadeamento lógico de evidências. Segundo Prodanov e Freitas (2013, p. 128), “pesquisa bibliográfica é concebida a partir de materiais já publicados”. Nossa pesquisa, portanto, se debruçará tanto em fontes disponíveis online, quanto aquelas impressas. Já em relação ao encadeamento lógico de evidências, os autores (2013, p. 130) dizem tratar-se de um estudo que

[...] permite que o leitor acompanhe claramente o processo de desenvolvimento da pesquisa, desde as questões iniciais até as conclusões. Um estudo com encadeamento lógico das evidências possibilita ao leitor seguir os passos do autor em direção às conclusões.

Seguindo esse encadeamento, e uma vez apresentados os aspectos introdutórios de nossa proposta de estudo, já nos é possível agora passarmos para o capítulo que se segue, nosso primeiro capítulo, a tratar do histórico da sociedade inglesa, biografia de Wilde e um apanhado geral sobre o conto em questão.

## **CAPITULO I: OSCAR WILDE E SUA LITERATURA**

### **Parte 1: Contexto histórico:**

Oscar Wilde viveu durante a Era Vitoriana, período entre os anos de 1837 e 1901, quando a rainha Vitoria governou a Inglaterra. Foi um período de grandes vitórias no campo político, intelectual e econômico. Uma característica importante da Era Vitoriana foi a repressão aos que criticavam as ideias, o conceito Vitoriano e aos que não seguiam os valores morais apresentados. Dentre eles, escritores, homossexuais e artistas.

Embora ocorresse perseguição e censura aos artistas que se opunham às normas impostas, a Era foi marcada pelo crescimento artístico e cultural, como por exemplo na arquitetura, o movimento em destaque era o neogótico (tentou-se reviver o gótico medieval), na literatura tínhamos grandes nomes como Charles Dickens, George Eliot e Thomas Hardy e no teatro quem brilhava era o dramaturgo Oscar Wilde.

Alguns estudiosos da Era Vitoriana nos mostram que a sociedade sofria com o medo da modernização, o avanço tecnológico e as mudanças que eles trariam consigo. Foi, conseqüentemente, uma época de transformação, onde o novo crescia e enfrentava uma sociedade extremamente tradicionalista, e que resistia fortemente à essas mudanças. Era o século XIX e consigo trazia suas revoluções, um período crítico na história que ia sendo fechado e abrindo-se para novos ares.

Analisando a sociedade na Era Vitoriana, ela era vista por ter medo diante de novas tendências e como os escritores eram vistos como videntes e guias desta sociedade.

Romances (novels) era o estilo literário mais consumido na época, eles eram vendidos em fascículos e como entretenimento pelas famílias, conseqüentemente deveriam ater-se a moral e aos bons costumes. E isso causou inquietações nos editores, pois eles tinham o dever de não publicar nada que não pudesse ser lido em voz alta e não ferisse os princípios morais. É nesse contexto que nasce e vive por algum tempo Wilde, escritor e dramaturgo, objeto de nossa atenção neste TCC.

## **Parte 2: Pontos biográficos:**

Oscar Fingal O'Flahertie Wills Wilde nasceu em Dublin, Irlanda, no dia 16 de Outubro de 1854. Era filho da escritora Jane Francesca Elgee e do médico Willian Wilde. Foi influenciado durante toda sua infância por intelectuais. Sua família o criou segundo o protestantismo, mas ele acabou se convertendo ao catolicismo. Sua formação acadêmica ocorreu na Trinity College, em Dublin, e, depois, ganhou uma bolsa de estudos para estudar em Oxford. Mudou-se para Londres, onde teve uma vida bem diferente daquela que tinha em sua cidade natal, uma vida regada à bebida e à escrita de poemas e textos teatrais.

Wilde foi criador de um movimento estético chamado "Dandismo"; baseou-se na ideia de que a vida deveria ser seguida pelas inquietações artísticas como forma de enfrentamento dos problemas do mundo novo, procurando modificar o tradicionalismo da "Época Vitoriana", carregando um tom de vanguarda às artes. Por conta disso, mudou-se para Paris em 1883, onde começou a fazer parte do mundo literário parisiense e, conseqüentemente, reviu suas ideias sobre o movimento estético.

Ao voltar para a Inglaterra, conhece Constance Lloyd, filha de um advogado bem-sucedido em Dublin e casa-se com ela. Eles vão morar em Chelsea, bairro

conhecido por ter vários artistas londrinos residindo ali, e tiveram dois filhos. Durante 1887 e 1888, Oscar Wilde publicou muitos poemas, novelas e contos e no ano de 1891 foi publicado “O retrato de Dorian Gray”, romance considerado sua obra prima, que retrata a decadência moral vitoriana e humana.

Oscar Wilde, em 1895, é acusado de se envolver amorosamente com Lord Alfred Douglas (Bosie), filho do Marquês de Queensberry. Foi processado pelo marquês e rigorosamente condenado pela lei Inglesa. Wilde foi julgado três vezes e condenado a dois anos de prisão no seu terceiro julgamento. Sua fama começou a se esvaír, seus livros foram recolhidos e suas peças tiradas de cartaz. Durante seu cárcere, ele escreveu “A Balada do Cárcere de Reading” e “De Profundis”, este último em forma de carta para Lord Douglas. Teve sua liberdade concedida em 19 de maio de 1897, voltou a morar em Paris e, usando o pseudônimo “Sebastian Melmoth”, passou o resto de sua vida se embriagando e morando em estabelecimentos baratos.

Wilde morreu em Paris, padecendo de meningite no dia 30 de novembro de 1900.

Oscar Wilde começou a escrever no ano de 1892, suas obras atualmente ainda são consideradas clássicos da dramaturgia Inglesa. Dentre elas podemos citar seis peças de sua autoria, “O leque de Lady Windermere (1892); Salomé (1891); “Uma mulher sem importância (1893); “Um marido ideal (1895) e “A importância de ser prudente” (1895). Wilde também escreve a novela “O Fantasma de Canterville”, onde se narra a história de um fantasma atordoado, que há mais de trezentos anos habita no castelo de Canteville. Nesta obra, assim como em outras, ele faz uma crítica ao patriotismo da sociedade.

Não podemos deixar de citar seu único romance, “O retrato de Dorian Gray” (1890), com várias adaptações para o cinema e teatro e que até os dias de hoje é sucesso e considerado como obra-prima da literatura Inglesa.

O escritor Irlandês também publicou contos como “O príncipe Feliz”, “O Gigante Egoísta” e “O Rouxinol e a Rosa”. Escolhemos nos deter neste último conto como base de pesquisa para este trabalho de conclusão de curso.

### **Parte 3: Leitura inicial de “O Rouxinol e a Rosa**

Em linhas gerais, “O Rouxinol e a Rosa”, como em quase todas as duas obras, vemos uma crítica à sociedade hipócrita e superficial da época em Wilde viveu, sugerindo em suas entrelinhas que o materialismo não é mais importante que os sentimentos, sejam eles amigáveis ou amorosos.

“Ela me disse que dançaria comigo se eu lhe levasse rosas vermelhas – exclamou o Estudante – mas não vejo nenhuma rosa vermelha no jardim. ”. Esta é a primeira frase do conto, ela mostra o drama vivido pelo estudante, que tocou, portanto, o coração do rouxinol. O rouxinol, ouvindo toda lamentação do estudante e apiedado, voou jardim a fora em busca da rosa vermelha, aquela que acalmaria o coração aflito do estudante, mas infelizmente encontrou em seu caminho apenas rosas amarelas e brancas, pois a roseira de rosas vermelhas estava danificada pelo frio do inverno.

Então, aflito por não encontrar a rosa vermelha e assim ajudar o enamorado a alegrar-se, o rouxinol fez um acordo com a roseira. O acordo necessitava um sacrifício por parte do Rouxinol, ele deveria cantar a noite toda entre os espinhos da roseira e pela manhã ele teria a rosa.

Ao abrir a janela no dia seguinte, o estudante encontrou a rosa e maravilhado com sua beleza, correu para entregá-la a sua querida e reivindicar seu lugar para

dançar com ela no baile, porém a moça já havia escolhido outro rapaz, pois ele tinha dado um presente bem “melhor” que uma simples rosa, assim desprezando o estudante.

De forma resumida, são essas as linhas da trama narrativa em “O Rouxinol e a Rosa”. Passemos a seguir ao capítulo no qual apresentaremos o apoio teórico com o qual faremos uma leitura crítica mais importante e relevante para este conto.

## CAPÍTULO II: Símbolos na literatura

Para viabilizar a discussão sobre a presença dos símbolos na literatura, faz-se necessário, antes de tudo, explanarmos, ainda que brevemente, a significação e o que está envolvido na palavra “símbolo” em contextos diversos, de modo a entendermos a variedade de sentidos que um símbolo pode representar.

Começemos, então, pelo significado mais "literal" da palavra. Segundo o Dicionário Aurélio de Português Online, “símbolo é a figura ou imagem que representa à vista o que é puramente abstrato; é algo que representa uma coisa: quando falamos “rosa”, nossa mente materializa as pétalas, o caule e as folhas; geralmente, pensamos nela na cor vermelha. Mas, quando pensamos em “rosa” fora de um contexto mais literal, botânico, como constatamos há pouco, no âmbito da literatura por exemplo, relacionamos a rosa ao amor, à demonstração de sentimentos. Não nos esqueçamos, também, que a palavra “rosa” pode nos trazer à mente não apenas uma rosa física ou associações ao amor, mas também a cor que leva esse nome.

Dadas as definições acima, verifica-se um caráter pragmático para o entendimento do símbolo, seja ele uma palavra ou uma imagem. Por isso não podemos separar símbolo da interpretação contextual para que uma mensagem faça sentido, e a partir da interpretação o símbolo se torne, então, uma parte da linguagem.

Trazendo as noções de símbolo para o contexto da linguagem, Sandamali (2015) acrescenta que “o símbolo também representa uma importante figura de linguagem em que algo (que pode ser um objeto, pessoa, situação ou ação) significa mais do que aquilo que é<sup>1</sup>.”

---

<sup>1</sup>Symbol also a major figure of speech in which something [object, person, situation or action] means more than what it is (tradução nossa). Disponível em <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:TeDFVXRcrwMJ:www.ijstr.org/final->

Partindo para o contexto literário, mas não nos desviando das considerações acima e seguindo orientação semelhante, o E-Dicionário de Termos Literários define “símbolo” como a dupla intencionalidade da linguagem, afirmando ainda que não existe símbolo sem interpretação e, indo além, condicionando a atuação do símbolo à interpretação de sua estrutura<sup>2</sup>.

Somando-se a estas informações, é possível considerarmos o simbolismo como um movimento literário cuja "metodologia" (se assim podemos dizer) utiliza-se de símbolos linguísticos para sua efetivação, muitas vezes projetando imagens em nossa mente a partir da linguagem escrita e fazendo-nos associar tais símbolos não apenas à imagem a que nos referimos, mas também àquilo que ela pode representar. Entende-se, portanto, que o simbolismo só pode existir se for interpretado. Ou associado a algo.

Ainda a propósito do símbolo, vale ressaltar que nem sempre seu uso é feito com o intuito de "embelezar" uma obra literária, por assim dizer. Muitas vezes, o simbolismo pode ser visto como uma saída para que certas verdades ou insinuações sejam feitas sem que necessariamente se possa comprovar que o foram, ou seja, o simbolismo pode assumir uma forma de fazer os autores se eximirem do peso de suas palavras.

É sob a perspectiva proposta acima que alguns autores fazem uso do simbolismo, de modo a tentar suavizar um pouco o significado denso de alguma situação ou ideia. Nesse sentido, Sandamali (2015) considera que os escritores usam os símbolos para atingirem certa profundidade para as criações literárias e para

---

print/dec2015/Symbolism-In-Ernest-Hemingways-The-Old-Man-And-The-Sea.pdf+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br. Acesso em: 24 de set. 2017.

<sup>2</sup>Disponível em: <http://edtl.fcsh.unl.pt/business-directory/6240/simbolo/>. Acesso em: 24 de set. 2017.

expressarem ideias ironicamente, evitando eventuais problemas que delas poderiam surgir<sup>3</sup>.

Também é importante sabermos que o simbolismo pode se apresentar de várias formas, e uma das formas mais comuns corresponde a um objeto representando outro, ou seja, simbolizando outro. Sob esta perspectiva, o site *Literary Devices* define simbolismo como “o uso de símbolos para significar ideias e qualidades, conferindo-lhes sentidos simbólicos que são diferentes do seu sentido literal<sup>4</sup>” (tradução nossa).

É nesse sentido, a propósito, que o termo “rosa” pode ser associado ao amor ou à demonstração de sentimentos, como dissemos anteriormente. Da mesma forma, pode-se associar o termo “pomba”, por exemplo, ao sentimento ou atitudes de paz (já que a associação literal nos induziria a pensar no animal/ave correspondente).

Aproveitando o exemplo do pássaro citado acima, que na situação foi associada a algo positivo (a paz), essa classe de animal também pode ser (como efetivamente o é) utilizada em uma conotação negativa para quem por ele é representado. Podemos, sob este foco, utilizar uma gralha para representar uma pessoa que fala demais e de maneira irritante; ou um abutre para fazermos associação a alguém cuja personalidade seja deplorável, que seria capaz de "se aproveitar" de outra pessoa que esteja no seu pior estado ou fase de vida (já que os abutres se nutrem de carne morta de outros animais).

---

<sup>3</sup> "Writers use Symbols to grab a depth for the literary creations and to express the things ironically avoiding the problems that can come to them". Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:TeDFVXRcrwMJ:www.ijstr.org/final-print/dec2015/Symbolism-In-Ernest-Hemingways-The-Old-Man-And-The-Sea.pdf+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em 30 de set. 2017.

<sup>4</sup>Symbolism is the use of symbols to signify ideas and qualities, by giving them symbolic meanings that are different from their literal sense. Disponível em: <https://literarydevices.net/symbolism/>. Acesso em: 24 de set. 2017.

O portfólio para comparações com aves é bastante diverso. Podemos utilizar uma águia ou gavião para nos referirmos à ideia de força ou agilidade e, da mesma forma, existe a possibilidade de utilizarmos um corvo para nos remetermos a uma ideia fúnebre ou tenebrosa.

Com isso queremos dizer que uma "classe de símbolos" não necessariamente possui um sentido padrão, ou seja, a mesma classe pode ser usada para conotações tanto positivas como negativas. Nos exemplos citados, utilizamos as aves que, apesar de fazerem parte da natureza e deverem ser preservados por todos, nem sempre será uma coisa boa ser comparado a elas, fazendo-se necessário ser observado o contexto em que a associação está sendo realizada.

Antes de prosseguir com mais exemplos, falaremos um pouco sobre o significado de símbolo de acordo com as ideias e exemplos até então apresentados. Entendemos por símbolo na literatura algo que vai além do que sua significância literal. Em uma história ficcional ou poema, diante daquilo que é específico de cada autor, e dependendo da importância cultural e associação universal, ser variável, um objeto pode assumir significados convergentes ou divergentes àquele literal e dicionarizado desse objeto.

Dentre as formas mais comuns de se trabalhar o simbolismo, podemos citar brevemente os tipos de símbolo segundo Keller:

- Cores: Quase sempre possuem um significado nas obras literárias. O preto representa muitas vezes a morte ou o mal; enquanto o branco simboliza inocência e clareza. A cor roxa está relacionada com dor, mas é usada também como símbolo da realeza. O vermelho, por exemplo, está relacionado à perigo ou paixão, enquanto o violeta remete à lucidez. O azul simboliza paz e

tranquilidade. Ligado ao poder espiritual ou ao amor sexual, temos o laranja. O verde traz como significado de vida e esperança, já o amarelo representa velhice e declínio.

- Natureza: A sequência das estações, por exemplo, quase sempre é relacionada a vida humana, nascimento, maturidade, velhice e morte, respectivamente. Representam também homem (sol) e mulher (lua), a macieira simboliza a tentação, como consequência das virtudes ensinadas pela bíblia e temos o carvalho, que demonstra força.
- Direções: Dependendo da obra em que foi aplicada, as direções que a bússola representa indicam diferentes significados. O Leste representa o nascimento e renovação, já o Oeste representa decadência e o fim das coisas, já que é onde o sol se põe. O Norte representa morte, hostilidade e solidão, por ser gelado, enquanto o Sul simboliza conforto, paz e força.
- Animais: Alguns animais têm simbolismo muito forte na literatura. Por exemplo, o leão e o pavão caracterizam orgulho, mas o leão também pode representar força. Já a coruja representa a sabedoria, o corvo remete à morte e o falcão associa-se à observação.

Depois de discorrermos e assimilarmos o significado de símbolo, percebe-se uma necessidade de melhor entender sobre o simbolismo enquanto movimento literário e sua contextualização histórica.

De acordo com o site Brasil Escola, o movimento simbolista, teve início na Europa, mais precisamente na França, na metade do século XIX. Suas ideias eram contrárias ao cientificismo, movimento este que defendia o uso de método científico

para averiguação de todas as áreas do conhecer e sabedoria<sup>5</sup>. Foi então que surgiu a inquietação de resgatar certos valores existentes no romantismo, valores esses que haviam sido esquecidos pelo realismo. Logo, a proposta simbolista parte do pressuposto que o mundo captado pelos nossos sentidos não representa uma verdade suprema, mas um reflexo de revelações.

Assim, há que se ter o cuidado para não se fazer indevidamente interpretações de "símbolos" como referências simbolistas, visto que o símbolo pode estar sendo utilizado em seu sentido puro ou literal, enquanto o simbolismo se valerá de um significado sempre além.

Alterando-nos ao cuidado ora mencionado, o Dicionário de Símbolos de Cirlot<sup>6</sup> considera que caso exista ou possa existir uma função simbólica em tudo, uma "tensão comunicante", essa posse fugaz do ser ou do objeto pelo simbólico não o transforma, no entanto, inteiramente em um símbolo. O erro dos artistas e escritores simbolistas sempre foi precisamente esse: procurar transformar toda a esfera da realidade em um veículo para "correspondências" impalpáveis, em uma conjunção obsessiva de analogias, sem ter consciência de que o simbólico se opõe ao existencial e instrumental e sem tampouco perceber que as leis do simbolismo são válidas unicamente dentro de sua própria esfera particular<sup>7</sup> (tradução nossa).

---

<sup>5</sup> Disponível em: <http://brasilecola.uol.com.br/literatura/simbolismo.htm>. Acesso em: 08 de out. 2017.

<sup>6</sup> Disponível em: [www.iausdj.ac.ir/ostad/DocLib71/J. C. Cirlot Dictionary of Symbols 1990 .pdf](http://www.iausdj.ac.ir/ostad/DocLib71/J._C._Cirlot_Dictionary_of_Symbols_1990_.pdf). Acesso em 19 de out. 2017

<sup>7</sup>"If there is or if there may be a symbolic function in everything, a 'communicating tension', nevertheless this fleeting possession of the being or the object by the symbolic does not wholly transform it into a symbol. The error of symbolist artists and writers has always been precisely this: that they sought to turn the entire sphere of reality into a vehicle for impalpable 'correspondences', into an obsessive conjunction of analogies, without being aware that the symbolic is opposed to the existential and instrumental and without realizing that the laws of symbolism hold good only within its own particular sphere". Disponível em: [www.iausdj.ac.ir/ostad/DocLib71/J. C. Cirlot Dictionary of Symbols\\_\\_1990.pdf](http://www.iausdj.ac.ir/ostad/DocLib71/J._C._Cirlot_Dictionary_of_Symbols__1990.pdf). Acesso em: 10 de out. 2017.

Diante das considerações sobre Símbolo levantadas até este momento, nos propomos, para o capítulo seguinte, apresentar uma leitura do conto de Oscar Wilde, intitulado “O rouxinol e a rosa”. Para isso, elencamos abaixo alguns pontos norteadores para essa análise. São elas:

- Quais símbolos se destacam no conto “O rouxinol e a rosa”?
- A quais imagens podemos associar tais símbolos?
- Quais “verdades” se insinuam na linguagem desse conto? Como os símbolos atuam para levar seu leitor a interpretação dessas verdades?
- Que importância cultural e associação universal esses símbolos carregam?

### **CAPÍTULO III: Uma leitura do conto “O rouxinol e a rosa” através de seus símbolos.**

#### **Parte 1: Algumas apreciações de “O Rouxinol e a rosa”.**

Antes de adentrar em nossa análise mais concisa sobre “O rouxinol e a rosa”, faremos um giro breve nas publicações sobre o conto, chamando atenção para algumas possibilidades de leitura dele.

Durante nossa pesquisa, vimos que, recentemente, “O rouxinol e a rosa” fez parte de alguns trabalhos na área de aquisição de linguagem, mostrando os pontos positivos de introduzir a cultura Inglesa na sala de aula, visto que nossos alunos em contexto de ensino médio ainda têm um pouco de dificuldade na leitura de textos em língua estrangeira, mas que com o incentivo certo, pode-se fazer com que eles se interessem e assim aflorem conhecimentos que estão escondidos, como relata Oliveira (2014, p. 1):

Observamos que através da leitura e análise do conto, os discentes não apenas construíram novos conhecimentos linguístico-discursivos, mas também experienciaram um pouco na Literatura Inglesa, demonstrando interesse pela interpretação do texto literário e pela vida e obra de Oscar Wilde.

Diante desse relato, podemos inferir que o uso de textos literários oferece aos discentes uma nova maneira de estruturação de seus conhecimentos, além de aguçar o interesse pelo desconhecido, pois geralmente o corpo discente conhece apenas autores nacionais.

Este mesmo trabalho faz uma proposta de releitura do conto “O rouxinol e a rosa”, concebendo as demonstrações de amor e sacrifício, partindo do pressuposto

da análise erótica com embasamento nos conceitos de erotismo apresentados por Georges Bataille e Lúcia Castello Branco.

Podemos pontuar outra leitura feita de “O rouxinol e a rosa”, essa levando para um lado mais erótico do conto sob o ponto de vista do mito de Eros e Psiquê, enfatizando Eros em sua análise. Intentou-se durante essa pesquisa consolidar uma análise do significado de morte e transcendência para evidenciar as manifestações de Eros escondidas no protagonista do conto em questão, partindo de pressupostos esboçados pelos supramencionados teóricos.

É importante, neste momento, esclarecer do que se trata o mito de Eros e Psique, que de acordo com Bulfinch (2002) representa grandiosamente a fugacidade desse deus arisco (Eros) que se mantém velado na escuridão do desconhecido e que, ao ser visto, abandona a amada (Psique), ficando entregue à necessidade de uma verdadeira epopeia para que seja possível reconquistar seu amor.

Dessa forma, ao erotismo é conferida a capacidade de suplantar a alma ao infinito, condicionando-se, porém, à manutenção de seu anonimato, uma vez que, conforme conferido por Branco (1986), definir a silhueta do erotismo é caminhar no rumo contrário dos impulsos eróticos, os quais percorrem a trajetória do silêncio, da fugacidade e do caos. Na perspectiva de Migliorini (1995), que segue esta mesma linha de raciocínio, nas tentativas de desvelar o amor, a alma humana acaba por afastá-lo de si.

Outro assunto abordado em “O rouxinol e a rosa” é o uso da literatura infanto-juvenil, fazendo aflorar o imaginário das crianças e adolescentes. No artigo de Oliveira e Santos (2014), trazendo o olhar teórico dos trabalhos de Cândido sobre a ligação entre literatura e sociedade, e de Kleiman acerca do caráter social da leitura, foi feita uma análise de como acontecia a política na época vitoriana, pesquisa esta que

buscava entender a correspondência entre leitores, e os papéis que cada personagem representava no contexto.

Sabendo da importância do conhecimento de mundo envolvendo o texto literário, os alunos geralmente ficam instigados a questionar tempo, espaço e sociedade em que vivem. Sabendo disso, Kleiman (2002, p. 23) alega que

A experiência do leitor é indispensável para construir o sentido, não há leituras autorizadas num sentido absoluto, mas apenas reconstruções de significados, algumas mais e outras menos adequadas, segundo os objetivos e intenções do leitor.

É sabida a importância do educador como mediador nesse processo de leitura e interpretação. Mas deve-se lembrar o quão importante é que o aluno seja livre para ter suas próprias interpretações, considerando que a tarefa de educar também envolve a atividade de instigar o aluno a desenvolver o seu próprio pensamento crítico e saber posicionar-se adequadamente frente a assuntos diversos, muitas vezes despertando o desejo de transformar a realidade.

Sob esta perspectiva e aproximando o papel de educador ao ensino de literatura enquanto arte, Samuel (1998, p. 16) atesta que “somente quando a arte obedece à sua própria lei de autonomia contra a realidade é que ela não só preserva a sua verdade, como também torna consciente a necessidade de mudar o mundo”.

Fazendo ainda alusão ao pensamento desenvolvido nos alunos pela literatura, Lacerda e Mendonça (2014, p. 3), ao estudarem “O Príncipe Feliz”, também de Oscar Wilde, informam-nos que

O denunciar os fatos sociais em uma obra literária, o artista induz o leitor/ouvinte a uma postura avaliativa que contribui para a formação moral do indivíduo. Fazendo isso, a “mudança do mundo” [...] seria proporcionada pela “inserção” de valores individuais naqueles que tem contato com a obra literária.

Com base nas ideias dos autores citados acima, percebe-se a importância exercida na formação acadêmica e pessoal/moral dos indivíduos tanto pela atividade da docência como pelo puro contato com as obras literárias.

Ainda sobre “O rouxinol e a rosa”, e finalizando nosso giro sobre o que dizem algumas publicações sobre ele, traremos o que se fala da imagem do pássaro na referida obra e, para isso, faremos menção ao trabalho intitulado “A imagem do pássaro no conto o rouxinol e a rosa, de Oscar Wilde”, de Migliorini (1995), para quem a imagem do pássaro flando, remoto, no espaço representa algo de numinoso, inapreensível, indecifrado. Não se sabe para onde ele está voando ou para onde nos levaria se o seguissemos, se para algum perigo ou para um deleite.

O pássaro é, assim, para o autor, concebido como um elemento de mistério, que guarda ou representa algo de surpreendente, não especificando se de um modo positivo ou negativo. A única proposição é a de que a presença do pássaro conota uma incerteza quanto aos rumos da estória, tal como a incerteza mencionada sobre o destino ao qual o voo do pássaro nos levaria.

Migliorini (1995) considera ainda que, pelo fato de o pássaro estar em constante contato tanto com a terra como com o ar, é muitas vezes referido como um símbolo de ligação entre ambos os elementos, entre o celeste e o terreno, e julga que talvez se possa concluir que há uma religação entre o divino e o humano. Vale lembrar que Oscar Wilde também faz alusão a elementos religiosos em suas obras, mencionando-se a própria imagem de Deus que ele traz em “O Príncipe Feliz” (que por sinal também traz um pássaro como um dos protagonistas do conto) e diversas outras alusões ao cristianismo que o autor traz em diversos de seus demais contos.

Apesar dessa ligação com o religioso, o sublime, o pássaro também traz consigo, enquanto símbolo, de natureza sombria, o caótico (MIGLIORINI, 1995). O

autor alerta, ainda, que o pássaro pode estar simultaneamente em seu voo alvejando uma meta ou abandonando-a, fazendo alusão a solidão e desamparo, podendo ser associado ainda ao que é irresponsável, distraído, inconsequente, brincalhão, frívolo, tolo. E continua sua análise ao mencionar que se poderia dizer inconsciente, distinguindo assim o reverso do pássaro enquanto símbolo e revelando uma sugestiva metáfora a respeito da dupla natureza da alma humana: consciente/inconsciente, ou até mesmo das duas faces de Psique: a mortal e a alada, imortal.

As ideias até então apresentadas sobre o que se estuda a respeito do pássaro na literatura nos mostram que a conotação com ele feita não traz consigo um sentido engessado, mas sim um que deve ser interpretado pela “atuação”, por assim dizer, do pássaro na obra analisada.

Além da perspectiva simbólica, esta que será desenvolvida logo adiante, vimos que o conto “O rouxinol e a rosa” é usado também como ferramenta no ensino de língua inglesa, de forma didática, com o intuito de levar o estudante brasileiro ao conhecimento de uma literatura estrangeira.

Obviamente, outros caminhos de leitura e interpretação deste conto já foram tomados, porém, entendemos que aqueles aqui apresentados são suficientes para se ter uma ideia das possibilidades de leitura desta narrativa de Oscar Wilde.

## **Parte 2: Símbolos em “O Rouxinol e a rosa”**

Dando prosseguimento a nosso trabalho, chegamos agora ao objetivo central de nossa monografia, a saber, uma análise do conto em tela sob o ponto de vista dos símbolos ali sugeridos. Para tanto, pontuaremos aqui os conceitos abordados no Capítulo II deste trabalho, ao mesmo tempo em que cuidaremos em responder as questões ali formuladas no início do nosso trabalho, quais sejam.

Sabendo que Oscar Wilde é conhecido mundialmente por escrever acerca de temas um tanto polêmicos em seus trabalhos, podemos dizer que em algumas, senão em todas as suas obras, fica evidente sua preocupação com o social. Um exemplo que podemos dar, e que é bastante famoso, é seu romance **O retrato de Dorian Gray**, que fez emergir assuntos de grande acuidade sobre o comportamento humano e corrupção moral por meio de esteticismo, assunto esse que vem sendo abordado com bastante frequência atualmente. Camocardi (2017) afirma que

No livro, a beleza é tratada como ponto de partida para toda a maldade de Dorian Gray. Em nome dela, crimes são cometidos, suicídios realizados e traições premeditadas. Sem remorso, culpa ou medo, Dorian Gray só tinha um objetivo: manter-se jovem e belo.

É importante ressaltar que as obras de Wilde continuam atuais, pois vivemos num mundo onde pessoas lutam para conseguir espaço tentando quebrar ditaduras de beleza, mostrando que o importante é a “beleza interior”. Enquanto alguns só pensam em si, temos poucos que ainda se preocupam com o bem-estar dos outros. Esse assunto é bem vivo dentro do romance, pois Dorian Gray tem apenas um objetivo na vida, continuar jovem e belo, não importa qual seja o preço a ser pago.

Sabendo disso, em “O rouxinol e a rosa” não poderia ser diferente. Mesmo sendo escrito em forma de conto de fadas, o autor não deixou de lado uma crítica à sociedade moderna, focando no sacrifício que às vezes fazemos em troca da felicidade de outra pessoa.

Podemos dizer que no conto a personagem que mais se destaca é o rouxinol, pois por ações de um jovem e suas próprias escolhas nos é mostrado como a vida pode ser frágil. Pensando nisso, é possível dizer também que no conto é mostrada a riqueza e a ingenuidade do heroísmo e sacrifício, já que é sabido que o pássaro, símbolo deste heroísmo e sacrifício, faz um: sacrifica-se voluntariamente em favor de outra vida, ou em outras palavras, devota-se à felicidade de outrem.

Sabemos que o conceito de heroísmo é bastante utilizado na literatura desde tempos remotos e por diversos autores. Podemos dizer que o rouxinol tem um lado heróico, já que ele se compadece da lamentação do estudante e sai à procura de uma rosa vermelha para este jovem, que tanto a desejava para impressionar a amada. Nesse sentido, Shaima (2010) afirma que

O herói deve ser um sacrificador e aquele que se sacrifica deve ser um herói, por isso estes dois termos (herói e sacrificador) não podem ser separados. Assim, ambos andam de mãos dadas em tantas obras da literatura.<sup>8</sup>

Entende-se, portanto, que além de não podermos separar os termos herói e sacrificador, os dois andam de mãos dadas na literatura. Isso é bem visível no conto, pois o rouxinol só se torna herói quando o sacrifício é feito. Além disso, faz-se entender que o conceito de heroísmo e sacrifício não é apenas utilizado para seres humanos, e alguns autores também apresentam seus heróis como deuses da mitologia e alguns como animais em fábulas, como é o caso do rouxinol no conto de Wilde.

Oscar Wilde nos apresenta de várias maneiras os seus heróis. Lançando mão de animais como símbolo desse heroísmo, podemos citar “O príncipe feliz” e “O rouxinol e a rosa”, ambos representados por pássaros, a andorinha e o rouxinol respectivamente. Essas criaturas são conhecidas por serem delicadas e frágeis, mas que em suas respectivas histórias exercem a função de heróis que sacrificam suas vidas de forma trágica para o prazer de outrem.

“O rouxinol e a rosa” fez parte de uma compilação de histórias para crianças que Wilde publicou em 1888. No conto em análise é possível afirmar que ele possui

---

<sup>8</sup> The hero must be a sacrificer and the one who sacrifices himself must be a hero, for this reason these two terms (hero and sacrificer) cannot be separated. Thus, both of them go hand in hand in so many works of literature.

uma atmosfera sombria que muito se assemelha às características do Romantismo, visto que o rouxinol ouve o lamento do estudante e se compadece de sua dor, como sugere a passagem abaixo:

"Ela disse que dançaria comigo se eu lhe trouxesse rosas vermelhas", chorou o jovem Estudante; "Mas em todo o meu jardim não há rosa vermelha". De seu ninho no carvalho, o Rouxinol o ouviu, olhou pelas folhas e se perguntou.  
 "Nenhuma rosa vermelha em todo o meu jardim!" ele lamentou, e seus lindos olhos se encheram de lágrimas. "Ah, de que pequenas coisas depende a felicidade! Eu li tudo o que os sábios escreveram, e todos os segredos da filosofia são meus, mas por falta de uma rosa vermelha minha vida torna-se miserável."<sup>9</sup>

O rouxinol, ouvindo isso, imagina que o estudante está apaixonado de verdade, aquele amor que nos faz perder a razão e que poderíamos dizer que seria como o primeiro e verdadeiro amor, do tipo que só experienciamos, dizem, uma vez na vida e pelo qual valeria a pena um sacrifício. No conto em pauta, esse amor verdadeiro e raro é corporizado pelo símbolo da rosa vermelha, não tão fácil de se encontrar, de acordo com esta narrativa. Visto dessa maneira, o rouxinol, como se verá mais à frente, sacrificará sua vida em favor, não do estudante, mas o amor verdadeiro que ele parece vivenciar naquele momento.

Depois de ouvir o lamento do estudante, o rouxinol resolve procurar pela roseira, consegue encontrá-la, porém sua busca não é bem-sucedida em termos de encontrar uma rosa vermelha, pois é inverno e a roseira não tem rosas. A roseira alerta que a única maneira de conseguir uma rosa vermelha seria usar o próprio sangue para fazê-la.

---

<sup>9</sup> 'She said that she would dance with me if I brought her red roses,' cried the young student; 'but in all my garden there is no red rose.'  
 From her nest in the holm-oak tree the Nightingale heard him, and she looked out through the leaves, and wondered.  
 'No red rose in all my garden!' he cried, and his beautiful eyes filled with tears. 'Ah, on what little things does happiness depend! I have read all that the wise men have written, and all the secrets of philosophy are mine, yet for want of a red rose is my life made wretched.'

Porém, como veremos a seguir, o que o estudante sentia não era amor de verdade, mas sim uma atração forte pela filha do professor, por sua beleza exterior. É o que se pode verificar no trecho que segue: "She has form,' he said to himself, as he walked away through the grove"<sup>10</sup>. Ela também não corresponde a esse suposto amor, desvalorizando a rosa vermelha: "I am afraid it will not go with my dress," she answered; "and, besides, the Chamberlain's nephew has sent me some real jewels, and everybody knows that jewels cost far more than flowers."<sup>11</sup>

Ante o pseudoconhecimento e o volúvel materialismo, representados simbolicamente pelo estudante e pela filha do professor respectivamente, persiste na memória do leitor deste conto o sangue vertido, tão simbolicamente cristão, assim como fora o vinho da Santa Ceia ("Este é meu sangue...").

Teria esse ato de doação sido em vão? Respondam aqueles que um dia já amaram...

Cumprida a necessidade de apoio teórico para a análise do conto e a análise propriamente dita, passemos à parte em que será exposta a conclusão do estudo.

---

<sup>10</sup> "Ela é formosa", disse ele a si mesmo, enquanto perambulava pelo bosque" (tradução nossa).

<sup>11</sup> "Sinto muito, mas acho que não vai combinar com o meu vestido ", ela respondeu;" e, além disso, o sobrinho do Chamberlain me enviou jóias reais, e todos sabem que jóias custaram muito mais do que flores " (tradução nossa).

## **Algumas palavras para concluir**

À guisa de conclusão, passemos a resumir as principais etapas por que percorremos neste texto monográfico.

Em primeiro lugar, esclarecemos o tema escolhido para ser trabalhado neste estudo, que foi a presença dos símbolos no conto de Oscar Wilde intitulado “O rouxinol e a rosa” (“The nightingale and the rose”, em inglês), mais precisamente o pássaro e a rosa dentro do conto.

Como ponto de partida do nosso trabalho discorreremos sobre o contexto histórico, chamando atenção para acontecimentos da época de produção do conto, biografia do autor e uma leitura inicial sobre o conto, para em seguida contarmos com um capítulo sobre o símbolo na literatura, citando alguns dos exemplos mais comuns, sempre trazendo o conto analisado em destaque. Por último, fizemos uma análise sobre “O rouxinol e a rosa” e sua implicação tanto na sociedade da época em que foi publicado, como na sociedade atual.

Como mencionado acima, “O rouxinol e a rosa” continua sendo atual, por seu aspecto atemporal, e por isso se faz tão importante sua leitura e interpretação, seja ela como entretenimento ou como leitura didática. Tal importância evidencia-se pelo fato de a natureza humana muitas vezes, ao desejar algo demasiadamente, não se ater a quem será ferido ou prejudicado ao longo do caminho. No caso do conto, o rouxinol por acreditar no amor verdadeiro de um jovem, se compadeceu e fez um sacrifício, o qual acabou se tornando vão, como é visto no final do conto, pois não era amor o que o jovem sentia, mas sim uma atração, e que ao ser rejeitado, volta a ter sua vida normal, como se nada tivesse acontecido.

Como palavras finais, registramos o quão satisfatório foi este estudo monográfico para a vida acadêmica e pessoal da pesquisadora, conforme suas pretensões de se tornar professora e usar literatura em sala de aula, com a crença de que usando a literatura como base, é possível formarmos melhores alunos e, assim, melhores cidadãos.

## REFERÊNCIAS

- BETTIO, Maíra Althoff de. **Principais obras de Oscar Wilde**. Disponível em: <http://www.infoescola.com/literatura/principais-obras-de-oscar-wilde/>. Acesso em: 20 de ago. 2017.
- BRANCO, Lúcia Castello. **O que é erotismo**. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BULFINCH, Thomas. **O livro de ouro da mitologia**: histórias de deuses e heróis. Tradução de David Jardim Júnior 26 ed. Rio de Janeiro: Digital Source, 2002.
- CAMOCARDI, Pamela. **Ensinamentos do livro “O retrato de Dorian Gray” de Oscar Wilde, que você deveria levar à sério**. Disponível em: <http://www.contiouda.com/ensinamentos-livro-o-retrato-de-dorian-gray-de-oscar-wilde-que-voce-deveria-levar-serio/>. Acesso em: 05 de nov. 2017.
- CAMPBELL, Mrs. **The Nightingale and the Rose summary**. Disponível em: <https://www.enotes.com/homework-help/what-summary-nightingale-rose-by-oscar-wilde-64507>. Acesso em: 20 de ago. 2017.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- FRAZÃO, DILVA. **Oscar Wilde**: Escritor Irlandês. Disponível em: [https://www.ebiografia.com/oscar\\_wilde/](https://www.ebiografia.com/oscar_wilde/). Acesso em: 23 de ago. 2017.
- KLEIMAN, Angela. **Oficina de Leitura**: Teoria e Prática. São Paulo: Pontes, 2002.
- KELLER, Mark. **Kinds of Symbols in Literature**. Disponível em: <http://penandthepad.com/kinds-symbols-literature-8534738.html>. Acesso em 10 de set. 2017
- LACERDA, Willian Ferreira Furtado de; MENDONÇA, Jeová Rocha de. **O Visível e o Invisível em “O Príncipe Feliz”**. Disponível em: <https://view.officeapps.live.com/op/view.aspx?src=http://www.prac.ufpb.br/ene/x/XVENID/PROLICEN/CCHLA/23.docx>. Acesso em: 30 de out. 2017.

- MAIA, Carlos Larotonda. **Revisitando o canto do rouxinol**: um olhar erótico sobre o conto “O rouxinol e a rosa”, de Oscar Wilde. Disponível em: [https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/34332813/REVISITANDO\\_O\\_O\\_CANTO\\_DO\\_ROUXINOLABNT.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1509129072&Signature=Ya3ScAAo5TTQkHqLT34CSbnP2Ak%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DR revisitando\\_o\\_Canto\\_do\\_Rouxinol\\_um\\_olhar.pdf](https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/34332813/REVISITANDO_O_O_CANTO_DO_ROUXINOLABNT.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1509129072&Signature=Ya3ScAAo5TTQkHqLT34CSbnP2Ak%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DR revisitando_o_Canto_do_Rouxinol_um_olhar.pdf). Acesso em: 25 de out. 2017.
- OLIVEIRA, Rayssa Kelly Santos de; SANTOS, Ivanildo da Silva. **Gestos de leitura**: história e imaginário no texto infante-juvenil moderno. Disponível em: [http://www.editorarealize.com.br/revistas/enlije/trabalhos/Modalidade\\_1datahora\\_25\\_05\\_2014\\_21\\_51\\_22\\_idinscrito\\_801\\_6bfdd264116fa3c4a54ea1cb169d06db.pdf](http://www.editorarealize.com.br/revistas/enlije/trabalhos/Modalidade_1datahora_25_05_2014_21_51_22_idinscrito_801_6bfdd264116fa3c4a54ea1cb169d06db.pdf). Acesso em: 29 de out. 2017.
- OLIVEIRA, Renato da Silva. **O rouxinol e a rosa**: a literatura como ferramenta no ensino de língua inglesa. Disponível em: [http://editorarealize.com.br/revistas/enlije/trabalhos/Modalidade\\_1datahora\\_25\\_05\\_2014\\_20\\_14\\_30\\_idinscrito\\_761\\_688020f5d3ea10eb0fad2e4d77f09ed3.pdf](http://editorarealize.com.br/revistas/enlije/trabalhos/Modalidade_1datahora_25_05_2014_20_14_30_idinscrito_761_688020f5d3ea10eb0fad2e4d77f09ed3.pdf). Acesso em: 21 de out. 2017.
- SAMUEL, Rogel (org.). **Manual de Teoria Literária**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- SHAIMA, Fadhil Hassan. **The Bird as a Sacrificial Hero in Oscar Wilde’s “The Nightingale and the Rose” and “The Happy Prince”**. Disponível em: <https://www.iasj.net/iasj?func=fulltext&ald=18021>. Acesso em: 05 de nov. 2017.
- WILDE, Oscar. **The Happy Prince and Other Tales**. Grã-Bretanha: Wordsworth Editions, 2015.